

IMPLICAÇÕES PSÍQUICAS EM CRIANÇAS HOSPITALIZADAS E O BRINCAR COMO RECURSO TERAPÊUTICO

Marllyana Lima de Mesquita

Egressa- Centro Universitário Fametro - Unifametro

marllyanamesquita@gmail.com

Francisca Fernanda Barbosa Oliveira

Docente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

fernanda.oliveira@professor.unifametro.edu.br

Área Temática: Processo de Cuidar

Área de Conhecimento: Ciências da Saúde

Encontro Científico: XI Encontro de Iniciação à Pesquisa

RESUMO

Introdução: A hospitalização é complexa e delicada, quando são crianças hospitalizadas pode se tornar ainda mais difícil. Em decorrência dessa situação, são gerados fatores negativos que perpassam a criança, como: afastamento de acompanhantes e familiares, a rotina hospitalar cercada de profissionais, procedimentos e repleto de restrições. **Objetivo:** Investigar as implicações psíquicas em crianças hospitalizadas, além de discutir a utilização de recursos lúdicos como estratégias de cuidados e minimização do sofrimento psíquico. **Método:** O presente trabalho configura-se como uma revisão integrativa de literatura, de cunho qualitativo, realizada por meio da busca nas bases de dados Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). **Resultados:** A hospitalização infantil pode desencadear na criança aspectos de medo, estresse e ansiedade, além de psicopatologias, interferindo no desenvolvimento infantil. Sendo necessário psicólogos e profissionais da saúde utilizarem recursos terapêuticos como o brincar para facilitar e minimizar esses sentimentos negativos. **Considerações finais:** Observou-se que o recurso lúdico se torna uma forma facilitadora durante os atendimentos, bem como no enfrentamento e adaptação da criança no ambiente hospitalar. Isso reforça importância da equipe multiprofissional desenvolver estratégias de cuidados utilizando-se do lúdico como uma estratégia de cuidado, visando minimizar os fatores negativos.

Palavras-chave: Criança; Hospitalização; Brincar.

INTRODUÇÃO

O âmbito hospitalar, muitas vezes, se encontra associado ao adoecimento, podendo ser observado por uma ótica negativa pelo ser humano. Sendo assim, ao se debater sobre a hospitalização, pode ser visível que se trata de uma situação perpassada por sofrimento, declínio da saúde, ruptura do cotidiano e distanciamento familiar e social. No entanto, este fato se torna mais agravante quando se trata do adoecimento na infância. A internação pode atravessar a vida das crianças que se encontram nesta situação, bem como dos acompanhantes e familiares, ocasionando mudanças em suas rotinas e podendo, em alguns casos, interferir no desenvolvimento infantil (Gomes; Fernandes; Nóbrega, 2016).

Calvett, Silva e Gauer (2008) afirmam que a criança é um ser que possui desejos e sentimentos, devendo assim ser planejado e prestado cuidado singular. Com isso, não se deve visualizar o paciente apenas pelo adoecimento que o atinge, mas como um ser biopsicossocial. Ademais, por se tratar de um momento perpassado por sofrimento e delicado, se faz necessário, pensar no brincar como manejo facilitador, com o intuito de reduzir sentimentos negativos que podem permear a internação, como medo e estresse. Dessa forma, a utilização de recursos lúdicos pode auxiliar na compreensão e adaptação da criança (Soares; Zamberlan, 2001).

Considerando a necessidade de reflexões acerca do estado psíquico de crianças hospitalizadas e as possíveis estratégias voltadas para o cuidado biopsicossocial, o presente estudo tem como objetivo investigar as implicações psíquicas em crianças hospitalizadas, além de discutir a utilização de recursos lúdicos como estratégias de cuidados e minimização do sofrimento psíquico.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão integrativa de literatura, de cunho qualitativo. Segundo Souza, Silva e Carvalho (2010) a revisão integrativa se trata de uma ampla abordagem metodológica que possibilita a busca, avaliação e síntese do conhecimento científico, viabilizando dados da literatura teórica e empírica, podendo incluir e analisar estudos experimentais ou não.

O levantamento de dados dessa pesquisa deu-se nas bases de dados: Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), a partir dos seguintes descritores: “hospitalização”, “criança”, “hospital” e “brincar”. Sendo utilizadas como método de buscas as combinações

“hospitalização e criança” e “hospital e brincar”, almejando ampliar a quantidade de artigos encontrados.

A coleta de dados ocorreu no período de abril a agosto de 2023, tendo como critérios de inclusão artigos publicados entre os anos 2001 a 2022, no idioma português, disponível na íntegra e que contemplassem a temática do presente estudo. É válido destacar, que a decisão desse recorte de período se deu devido à escassez de estudos relacionados ao tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A hospitalização infantil e suas implicações

O período de hospitalização se torna complexo para todo e qualquer indivíduo, principalmente, quando se trata de crianças. Já que se fazem presentes durante o processo de internação o distanciamento do cotidiano e de familiares. A criança é submetida a uma nova rotina cercada por aparelhos, pessoas desconhecidas, limitações e procedimentos (Gomes et al., 2012)

Ademais, a infância é uma fase essencial, a qual é responsável por consolidar aspectos que serão desenvolvidos e vão influenciar a vida dos seres, atravessando todas as suas vivências. Por se encontrar em desenvolvimento, a criança procura interagir e explorar o ambiente, contudo ela é privada desses hábitos devido à internação. Sendo assim, a hospitalização durante esta etapa pode vir a se tornar um evento traumático (Rabelo, 2012).

Dessa forma, a hospitalização infantil e os processos de tratamento podem produzir uma realidade difícil e complexa. Gomes, Caetano e Jorge (2010) afirma que o adoecimento por si só já produz ansiedade e preocupação, tanto na criança como em seus familiares, especialmente, quando são casos que não se tem um diagnóstico conciso e estabelecido ou se fizer necessário uma internação prolongada.

Posto isso, compreende-se que em um maior período de tempo, a criança no hospital fica restrita ao leito, sendo repetidamente tocada por pessoas que não conhece e que são associadas à dor e ao sofrimento. A dor está representada, muitas vezes, por agulhas, medicações e procedimentos invasivos. Esses fatores constroem uma visão de ameaça e confusão para as crianças, acarretando em mecanismos de defesa como regressão e mudanças comportamentais (Oliveira; Dantas; Fonseca, 2004).

Ainda de acordo com os autores supracitados, também podem ser apresentados choro, medo e insegurança que se associam ao sistema fisiológico. Além disso, a mudança de

rotina e horários afeta o processo de sono e alimentação, resultando em insônia e inapetência. Em suma, essa experiência pode se tornar agravante quando se associa a aspectos de estresse e aumento de ansiedade, que podem gerar casos psicopatológicos e afetar negativamente o desenvolvimento da criança (Oliveira; Dantas; Fonseca, 2004).

O brincar: uma estratégia no hospital

Entende-se que uma das formas de expressão legítima adquirida pela criança é o brincar, por meio dessa atividade ela expressa seus pensamentos e ideias, se comunica e explora a sua imaginação. Através do brincar, a criança promove e trabalha aspectos motores, cognitivos e psicológicos, os quais ajudam na criação de um mundo livre de regras, onde tudo é possível (Mitre, 2000).

Motta, Enumo (2004) disserta sobre como a hospitalização é configurada partindo de fatores negativos e privação de locomoção e mobilidade, dificultando a criança de brincar livremente. Devendo assim, pensar em estratégias e formas de incluir a utilização de recursos lúdicos a partir de cada caso. Com isso, o brincar é utilizado tanto pela criança como pela equipe multiprofissional, com o intuito de lidar com as adversidades impostas pela hospitalização.

Segundo Simonetti (2011) um dos profissionais que integra essa equipe multiprofissional é psicólogo(a), que tem como papel priorizar o cuidado integral da saúde dos sujeitos visando, principalmente, os aspectos psicológicos relacionados ao adoecimento. Assim, o(a) psicólogo(a), deve colocar o sujeito acima do adoecimento e trabalhar com as demandas que surgirem para além da doença, buscando reduzir e minimizar o sofrimento do paciente utilizando-se de recursos e ferramentas para facilitar esse processo nos atendimentos (Moreira; Martins; Castro, 2012).

De acordo com Soares e Zamberlan (2001), a intervenção da psicologia hospitalar deve ir além de apenas auxiliar a adaptação da criança e da família durante a internação. Também deve ter enfoque no desenvolvimento de recursos para aprimorar a adaptação à hospitalização, incluindo a demanda do paciente; a preparação e acompanhamento psicológico para os procedimentos; facilitação na comunicação equipe e paciente e, sobretudo, a utilização do brinquedo e recursos como parte integrante do ambiente hospitalar, entre outros.

Desse modo, os recursos lúdicos durante a hospitalização de crianças se tornam uma estratégia eficaz que visa minimizar, como também possibilita que a criança desenvolva um repertório para enfrentar o estresse, medo e ansiedade que estão associados a essa situação. A partir desse método, a criança se depara com um espaço dedicado à sua melhora, de escuta

ativa e livre de julgamentos, propiciando por meio do recurso terapêutico (brinquedo) uma alternativa possível de expressão da criança no hospital (Soares; Zamberlan, 2001).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, entende-se a partir desse levantamento que a hospitalização se trata de uma situação delicada, especialmente, quando ocorre durante a infância. Por se encontrar cercada de pessoas desconhecidas, procedimentos, aparelhos, limitações por ficar muito tempo apenas no leito, distante de familiares e de amigos e com uma nova rotina, tanto a criança como a família podem expressar medo, ansiedade e estresse.

Além dos receios por questões referentes ao adoecimento e internação prolongada, estes sujeitos se inserem em um âmbito completamente novo, podendo resultar na criança sentimentos de confusão, afetando aspectos psicológicos e de seu desenvolvimento. A partir disso, é necessário que a equipe multiprofissional desenvolva estratégias que visem minimizar esses fatores negativos.

Observou-se que o recurso lúdico se torna uma forma facilitadora durante os atendimentos, bem como no enfrentamento e adaptação da criança no ambiente hospitalar. Nesse contexto, o psicólogo, bem como os demais profissionais de saúde, tem a possibilidade de utilizar recursos lúdicos, com o objetivo de auxiliar na adaptação da criança e minimizar as implicações psíquicas nas crianças e seus acompanhantes durante a internação.

REFERÊNCIAS

CALVETT, Prislá Ücker; SILVA, Leonardo Machado da; GAUER, Gabriel José Chittó. **Psicologia da saúde e criança hospitalizada**. Psic, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 229-234, dez. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142008000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 ago. 2023.

GOMES, G. L. L.; FERNANDES, M. DAS G. M.; NÓBREGA, M. M. L. DA. **Ansiedade da hospitalização em crianças: análise conceitual**. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 69, n. 5, p. 940-945, set. 2016. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/reben/a/JGWMpsHNHjHcY94Tm84FFLB>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

GOMES, I. L. V.; CAETANO, R.; JORGE, M. S. B. **Conhecimento dos profissionais de saúde sobre os direitos da criança hospitalizada: um estudo exploratório**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 15, n. 2, p. 463-470, mar. 2010. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/csc/a/pS5NBqy5gSbLMdp5wc7dzNM/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

GOMES, Ilvana Lima Verde et al. **A hospitalização no olhar de crianças e adolescentes:**

sentimentos e experiências vivenciadas. Cogitare Enfermagem. 2012. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=483648965014>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

MITRE, Rosa Maria de Araújo. **Brincando para viver: um estudo sobre a relação entre a criança gravemente adoecida e hospitalizada e o brincar.** Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-937920>>. Acesso: 30 ago. 2023.

MOREIRA, E. K. C. B.; MARTINS, T. M.; CASTRO, M. M. de. **Representação social da Psicologia Hospitalar para familiares de pacientes hospitalizados em Unidade de Terapia Intensiva.** Rev. SBPH, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 134-167, jun. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582012000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 ago. 2023.

MOTTA, A. B.; ENUMO, S. R. F.. **Brincar no hospital: estratégia de enfrentamento da hospitalização infantil.** Psicologia em Estudo, v. 9, n. 1, p. 19–28, jan. 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/bKq9LfkWpsSgSVvPvbGDJrN/>>. Acesso em: 26 ago. 2023.

OLIVEIRA, G. F. de; DANTAS, F. D. C; FONSECA, P. N. da. **O impacto da hospitalização em crianças de 1 a 5 anos de idade.** Rev. SBPH, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 37-54, dez. 2004. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582004000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 ago. 2023.

RABELO, Hellen Delchova. **O significado da hospitalização para as crianças internadas no Hospital Regional de Ceilândia.** Disponível: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/4631>>. Acesso em: 30 ago.2023.

SIMONETTI, A. (2011). Manual de Psicologia Hospitalar: o mapa da doença. (6aed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

SOARES, M. R. Z.; ZAMBERLAN, M. A. T.. **A inclusão do brincar na hospitalização infantil.** Estudos de Psicologia (Campinas), v. 18, n. 2, p. 64–69, maio 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/Yyc3PJmP3jdwSfCGqGMc8QS/>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

SOUZA, M. T. de; SILVA, M. D. da; CARVALHO, Rachel de. **Revisão integrativa: o que é e como fazer.** Einstein. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 20 ago 2023.